



## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO ALAGOANO: ANALISANDO NARRATIVAS DOS PROFESSORES

Isaac Cavalcante Gomes<sup>1</sup>

Claudia Campos Cavalcante Gomes<sup>2</sup>

Nayanne Lima Alves<sup>3</sup>

Valéria Campos Cavalcante<sup>4</sup>

### RESUMO

O objetivo central deste trabalho converteu-se em analisar quais são as representações sociais dos jovens que frequentam as turmas do Ensino Médio em escolas públicas de Alagoas, no horário noturno. Os dados foram coletados em duas escolas públicas, como parte de uma pesquisa que se desenvolveu nos anos letivos de 2018 e 2019. Buscamos conhecer como os jovens são reconhecidos dentro do espaço escolar, enfatizamos a visão dos professores. Tomamos como objeto de estudo, as sequências discursivas proferidas e coletadas através de depoimentos de professores que atuam nessas escolas. Para a realização desta pesquisa, pautamo-nos na abordagem qualitativa-interpretativa, baseada em estudo de caso. Para tanto, nos servindo de como autores/as como Ludke e André (2012), Moscovici (1978), Freire (2002, 2005), Peralva (1997), entre outros. Optamos por analisar as falas por acreditarmos que o discurso é o lugar privilegiado em que se pode observar a relação entre língua e ideologia. Através dos discursos dos professores podemos observar que as representações sociais dos estudantes do Ensino Médio, sobretudo dos jovens dentro das escolas, estão ligadas ao preconceito. Muitos professores estigmatizam, rotulam os sujeitos jovens, dificultando assim, o diálogo.

**Palavras-chave:** Escolas Públicas, Jovens, Representações Sociais.

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura em Educação Física pelo Instituto Superior de Educação Elvira Dayrell. Autor E-mail: isaaccavalcante@bol.com.br

<sup>2</sup> Mestra em Educação Brasileira, especialista em Educação, Trabalho e Desenvolvimento Agrário, pedagoga, professora da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas. Coautora E-mail: profclaudia18@hotmail.com.

<sup>3</sup> Graduanda Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Coautora E-mail: nayyy1917@gmail.com.

<sup>4</sup> Doutora e mestra em Educação, Especialista em Formação de Professores e Educação de Jovens e Adultos, pedagoga, licenciada em Letras e Pedagogia, professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas. Orientadora E-mail: vccavalcante1@hotmail.com.



Iniciamos este texto ressaltando a relevância que a escola pública exerce na trajetória de vida dos/as jovens considerados de baixa renda de Alagoas. Percebe-se que a escola neste início de século XXI, apresenta-se como uma das principais instituições sociais agenciadora de formação intelectual que os jovens pobres têm acesso em Alagoas, principalmente aqueles que não estão inseridos em projetos culturais e ONGs, dentre outros.

Apesar de tamanha relevância para a formação dos educandos, percebe-se que as instituições escolares em Alagoas, não estão refletindo a respeito das identidades dos educandos que frequentam as escolas, sobretudo dos jovens que frequentam as turmas do Ensino Médio no horário noturno. Assim, não se analisa no espaço escolar as condições de acesso aos bens culturais desses sujeitos excluídos, da mesma maneira, não se discute como esse processo de exclusão se enraizou no Estado, e quais são as alternativas para reverter ou ao menos, minimizar esse quadro.

É possível perceber ainda que na maioria das escolas no Estado, persiste a ausência de uma sensibilidade, sobretudo por parte do corpo docente, em conceber nos currículos escolares os saberes, culturas e vivências dos jovens que lá estão.

Estando estas questões postas no cenário educativo no Estado de Alagoas, a pretensão deste trabalho consiste em compreender de que maneira os educandos jovens que estão imersos no Ensino Médio Noturno e como são percebidos dentro do espaço escolar, sobretudo pelos professores. Importa ressaltar que trata-se de um recorte de uma pesquisa realizada em duas escolas públicas no Estado de Alagoas como exigência para conclusão de uma pós graduação lato sensu. Analisamos para tanto, quais as representações sociais desses sujeitos nas duas escolas públicas de alagoanas.

O conceito de representação social designa uma forma específica de conhecimento, do saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Mais amplamente, designa uma forma de pensamento social. As representações sociais estão ligadas principalmente aos estudos das simbologias sociais, ou seja, nas relações interpessoais e de sua influência na construção do conhecimento (MOSCOVICI, 2010).

Como podemos observar, o autor define representação social como conhecimento prático, por isso baseado no senso comum. Assim, opiniões, imagens, atitudes passam a



ser compreendidas como veículos de representações que direcionam comportamentos e identificam sujeitos nos grupos sociais.

Ao analisarmos a concepção de Juventude, tentamos nos aproximar de Peralva (1997), quando ela afirma que a juventude é, acima de tudo uma construção social e um tipo de representação. Pode-se considerar nesse contexto, um paradigma universal dado pelo comportamento do indivíduo numa determinada faixa etária, não desconsiderando sua cultura, seu desenvolvimento físico e mudanças psicológicas que esse indivíduo enfrenta.

Escolhemos o chão da escola pública porque acreditamos que é no cotidiano das práticas escolares que a diversidade cultural, etária, racial e de gênero se expressam. Considerando esse contexto, nos implica uma questão em particular: por que permanece entre alguns profissionais determinados discursos e representações preconceituosas sobre os jovens no ambiente escolar? Tomamos como objeto de estudo as narrativas proferidas e coletadas através de depoimentos de professores que atuam no Ensino Médio Noturno. As referidas narrativas foram coletadas como parte de uma pesquisa realizada em duas escolas públicas alagoanas. Optamos por analisar as falas por acreditarmos que o discurso é o lugar privilegiado em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos.

Diante da dimensão desta pesquisa, trazemos apenas um recorte, analisando, portanto, a realidade de duas escolas situadas na periferia de Maceió/Alagoas, localizadas no nordeste brasileiro. Assim, o corpus coletado segue os preceitos da pesquisa de estudo de Caso (LUDKE; ANDRÉ, 2012), a partir de dois objetos de investigação: compreender quem são os estudantes do Ensino Médio noturno em Alagoas, e quais as representações sociais são construídas por professores das escolas públicas sobre os jovens estudantes, ressaltando ainda que nosso foco neste texto são as narrativas dos professores do Ensino Médio do horário noturno participantes da pesquisa.

## **METODOLOGIA**

Para a realização desta investigação utilizamos o método de pesquisa qualitativo-interpretativo, baseado em estudo de caso. A opção por esse tipo de pesquisa dá-se porque trabalhamos com dados retirados do contexto real. Entendemos que esse enfoque tem a



finalidade de não constituir-se em previsão nem em controle, mas visa à compreensão dos fenômenos e a formação dos que participam neles para que sua atuação seja mais reflexiva, rica e eficaz (GÓMEZ, 1998 apud Nogueira, 2014, pág. 4-5).

Enfatizamos que este artigo tem por base a pesquisa desenvolvida em duas escolas públicas da rede estadual de Alagoas, pertencentes a 1ª Gerência Regional de Ensino (GERE) de Alagoas, situadas em dois bairros periféricos de Maceió. Essa investigação se desenvolveu nos anos letivos de 2018 e 2019. O corpus de nosso trabalho foi retirado do contexto real, a partir das narrativas dos estudantes e professores das escolas investigadas. Sendo a análise detalhada sobre as narrativas dos professores estudantes do Ensino Médio do horário noturno, coletadas através da técnica de entrevista semiestruturada.

A escolha deste estudo de caso deu-se porque esta abordagem tem seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo, pois mesmo sendo similar a outros é, ao mesmo tempo, singular, pois incide naquilo que ele tem de interesse próprio e particular (LUDKE; ANDRÉ, 2012). Evidentemente, seus resultados são limitados, em termos de possibilidade de generalizações, mas permitem a riqueza de aprofundamento do que vem a ser apurado.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

As escolas sob a jurisdição da 1ª Gerência Regional de Ensino (GERE) situam-se, em grande parte, na periferia urbana da cidade de Maceió. Essas instituições oferecem no horário noturno o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Os Jovens que frequentam as turmas do Ensino Médio no horário noturno, das escolas públicas da 1ª GERE de Alagoas, são pessoas que possuem conhecimentos adquiridos na vida cotidiana, através das experiências com familiares, comunidade, mundo do trabalho, e em saídas e entradas da escola.

Ao analisar o perfil dos estudantes do Ensino Médio do horário noturno das escolas públicas em Alagoas, mais especificamente que frequentam as escolas da 1ª GERE em Maceió, constata-se que 80% do público são adolescentes e jovens, negros e pobres, viventes das periferias. Prevalece o gênero masculino, os/as educandos/as são, na grande maioria, vítimas da indiferença, do desemprego e do descaso, socialmente



estigmatizados e excluídos, e muitas vezes, vítimas ou envolvidos em casos de violência. Nos chama atenção, de maneira geral, que estes sujeitos são tratados dentro das escolas como uma massa de alunos, sem identidade, qualificados sob diferentes nomes: repetentes, evadidos, defasados, relacionados diretamente ao chamado "fracasso escolar".

As comunidades escolares que compõem as escolas desta GERE, constitui-se em grande parte de famílias que vivem próximas às escolas, cuja vida econômica é baixa, e muitas delas vivem abaixo da linha da pobreza. Para esses jovens e adolescentes a necessidade mais urgente em relação à aquisição da formação é o desejo de ingressar no mercado de trabalho. Os jovens veem na escolarização a possibilidade de ascensão profissional e pessoal. Em seus depoimentos os educandos afirmam que a importância da escola deve-se sobretudo, por imposição do mercado de trabalho e, para outros poucos, há o desejo de adquirir conhecimentos para ingressar em uma faculdade.

Compreende-se que conceituar juventude não é uma tarefa simples, já que o termo jovem carrega uma enorme heterogeneidade. Diante das definições sobre os jovens que se apresentam no imaginário social, selecionamos as concepções que mais influenciaram e que estão, de certa maneira, amalgamadas na cultura escolar, no decorrer de séculos no Brasil.

A primeira delas é a que considera o jovem como um ser em processo de transitoriedade, entendendo a juventude como um sentido de negatividade, ou seja, o jovem percebido como aquele que “ainda não se encontrou”, conforme nos aponta Dayrell (1999, pág. 02):

Em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, bem como as questões existenciais que eles expõem, bem mais ampla do que apenas, o futuro.

Outra imagem muito presente na escola é a visão de juventude padronizada com maneiras de ser e agir idênticas sem identidades próprias. Nesta perspectiva, se concebe o jovem como um consumidor alienado de músicas, lazer, moda e tendências em geral. Esta visão de juventude nega as questões culturais específicas dos indivíduos, considerando, portanto o jovem construto social da mídia, sobretudo a televisiva que dissemina a visão de jovem como aquele que está em tempo de “desfrutar” de lazer, prazer e liberdades sexuais. A juventude neste contexto é compreendida como momento possível para a expressão de “comportamentos exóticos”. Há, ainda, outra visão de jovem, com



base essencialmente na psicologia que desenha a juventude como momento de incertezas crise existencial, permeada por conflitos de a autoestima e personalidade.

Ao darmos voz aos professores saberemos como esses profissionais percebem os educandos jovens e de que maneira os recebem na escola. Assim, o discurso proferido pelos professores nos apresenta o julgamento sobre o outro o que nos parece revelador para que possamos interpretar como o estudante jovem do ensino noturno é compreendido no espaço escolar.

Para definição sobre representação social buscamos Moscovici (1978, pág. 26) quando afirma que:

Uma representação fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime. No final das contas, ela produz e determina os comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e o significado das respostas a dar-lhes. Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos (MOSCOVICI, 1978, pág. 26).

Ainda seguindo a perspectiva de Moscovici (1978), compreende-se que é um grupo de conhecimentos originados na vida cotidiana, ou seja, a partir do senso comum, tendo por objetivo, comunicar, estabelecer relações entre grupos sociais, atribuindo sentido ao comportamento. Dessa maneira, podemos afirmar que as representações sociais nos reportam a uma forma de pensamento social, sendo entendida, portanto, como uma maneira de interpretar nossa realidade cotidiana. A representação nos conduz a repensar, a (re) experimentar, a refazer, refletindo, assim, sobre as ideologias, as opiniões, as ideias.

O enfoque no discurso dá-se por entendermos que o sujeito, não apenas cria seu discurso, ao contrário, ele é condicionado por ele. Assim, aquilo que falamos é afetado pela língua e pela história, pois os sentidos não estão somente nas palavras, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos (ORLANDI, 2001).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Neste item de nosso artigo analisaremos algumas falas coletadas em entrevistas aplicadas a professores que atuam em duas escolas no Ensino Médio no horário noturno,



tomando por base as falas dos atores envolvidos neste nível de ensino, tentaremos explicitar de que maneira esses profissionais percebem os sujeitos jovens que frequentam suas aulas, analisamos para tanto quais representações sociais são construídas por esses educadores.

Tentaremos interpretar toda ideologia que está por trás desses discursos. Para tanto, avaliando não só o dito, mas acima de tudo, o não dito, ou seja, os implícitos dessas sequências discursivas, assim, ao elaborarmos a entrevista para os educadores/as, formulamos perguntas que induzissem respostas. Nessa perspectiva, algumas perguntas foram realizadas, dentre elas:

- a) Há quanto tempo trabalhavam no Ensino Médio noturno?
- b) Como pode ser considerado o comportamento dos educandos jovens do Ensino Médio noturno?

As falas foram coletadas em forma de transcrição, não utilizamos o gravador por acreditarmos que os sujeitos/entrevistados poderiam não se sentir à vontade. Neste trabalho traremos um recorte das falas que mais nos chamaram atenção. Não revelaremos nomes oficiais, apenas iniciais fictícias, idade e sexo para manter o sigilo e não expor os participantes.

As falas aqui utilizadas são as que mais nos revelam o posicionamento social dos participantes, enfatizando suas representações sociais acerca dos jovens estudantes.

Vejamos as falas a seguir:

“Muitos deles não querem nada, vem pra escola só pra fazer raiva; aqui tem muito marginais, muitos deles já foram do dia, as famílias não cuidam não dão exemplo, nem moral nem espiritual” (S.M.S).

“Tem muito maloqueiro, gosto de trabalhar com os adultos porque se comportam, um pessoal que dá muito trabalho esses jovens, prefiro os adultos, mas aqui tem mais jovens, principalmente os que já foram reprovados em outras escolas, estão todos aqui” (J. C. L).

Eu trabalhei a vida toda com a educação regular, agora é que estou no Ensino Médio Noturno. Tenho muita dificuldade de trabalhar com os esses alunos, os jovens são um problema, (M. P.S).



Iniciando esta análise podemos observar, através das pistas linguísticas desses enunciados, que há muitos estigmas que acabam por rotular os jovens, e estes rótulos, acabam por limitar o desenvolvimento desses alunos, tornando a inserção destes no espaço escolar um processo muito complexo. Muitas das falas depreciativas demonstram o distanciamento e menosprezo. Percebe-se, ainda, uma tentativa de ignorar os sujeitos, demonstrando a falta de envolvimento com a modalidade.

Conseguir dialogar com os jovens tem-se caracterizado como um dos principais desafios no cotidiano da escola alagoana. Muitos desses jovens têm histórias de vida marcadas pela negação e pela invisibilidade. Segundo José Machado Pais (1997), no que diz respeito à juventude, de maneira mais específica, a construção social construída é, via de regra, carregada de significados negativos, prevalecendo o rótulo de geradora de problemas, cujos desdobramentos e consequências se fazem sentir tanto em seu cotidiano, quanto na sua relação com as diversas instituições sociais as quais participa, tais como a família, a escola etc.

Observando o discurso proferido: *“Muitos deles não querem nada, vem pra escola só pra fazer raiva; aqui tem muito marginais, muitos deles já foram do dia”*. Podemos afirmar que através dessas palavras fica expresso o desrespeito ou a discriminação em relação aos jovens, as expressões *não querem nada, marginais*, demonstra a exclusão a que são submetidas essas pessoas dentro das escolas.

Ainda baseadas nas opiniões coletadas nos parece, predominantemente, que o sucesso ou fracasso do aluno está associado às condições individuais, quando se afirma que *“não querem nada”* e *“vem pra escola só pra fazer raiva”*.

Neste discurso da professora a função do indivíduo é elevada em detrimento da ação escolar. Conseqüentemente, o não aprendizado do aluno é atribuído a sua irresponsabilidade ou a falta de apoio da família. Assim, a escola está desobrigada de sua principal função social que é a elevação dos níveis de formação dos sujeitos.

O que se observa é que esses professores não conseguem dialogar com os jovens do Ensino Médio noturno. Neste sentido, Freire (2002) afirma que isso ocorre por que os professores sentem-se superiores e detentores do saber, buscamos as palavras do Autor quando ele afirma:

Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros. [...] Como posso dialogar, se me sinto participante de um “gueto” de homens puros, donos



da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”? (Freire 2002, pág. 39).

Realizando a análise dos recortes extraídos das falas, podemos perceber a presença de implícitos que nos revelam que todos os participantes das entrevistas atribuem os problemas vividos pela comunidade escolar, no horário noturno aos alunos “marginais”.

Entretanto, esses indivíduos, em momento algum, se dão conta que em seus discursos existe a assimilação da ideologia do discurso da classe dominante, e como exemplo, o enunciado: “*as famílias não cuidam, não dão exemplo, nem moral nem espiritual*”, remete-nos aos discursos moralistas tão divulgados nos cultos religiosos. Nos bairros da periferia de Maceió, há várias igrejas evangélicas, e algumas católicas; assim, essas instituições representam um grande poder dentro dessas comunidades pobres, pois a população desesperada acaba indo em busca de esperança nesses locais. Lá os sujeitos se incentivam e ao mesmo tempo, tencionam e estabelecem relações, refletem acerca dos comportamentos humanos, sobre as pessoas do bem e as pessoas do mal, do certo e do errado.

Dessa maneira, o preconceito social aflora através da materialidade linguística de suas falas. Assim, prevalece uma ideologia implícita em tais proposições. Observa-se que este público é desacreditado como capaz de adquirir conhecimento e obter um desenvolvimento pessoal.

Quando os professores afirmam que “*Tem muito maloqueiro nas turmas*”, ou ainda que os “*jovens são um problema*” eles expõem que para esses educandos resta-lhes a exclusão e o termo marginal como definição, a impossibilidade de uma vida com decência, onde se possa usufruir dos seus direitos mínimos para a sobrevivência como moradia, saúde, educação, entre outros.

O termo “*maloqueiro*”, de modo geral, apresenta-se como representação de discriminação, de desigualdade social sentida e expressa e por muitos professores nas escolas que ofertam Ensino Médio. Toda essa hierarquização excludente reforça a rejeição entre professores e alunos.

Desta forma, ao rotular o educando como “*maloqueiro*” “leia-se” excluído e marginal, mesmo sem perceber, esses profissionais estão incorporando e reproduzindo o discurso da ideologia dominante. Todo esse processo ideológico não ocorre de forma explícita, ao contrário acontece de forma camuflada e penetra no discurso e vai aos poucos



sendo disseminado na sociedade sem resistência, quando percebemos já se tornou senso comum. Pois a ideologia é impregnada por ideias e temas que materializam uma visão do mundo através de um conjunto de representações, muitas vezes inconscientes. Essas representações se materializam através da linguagem como instrumento de comunicação. Assim, toda formação ideológica corresponde uma formação discursiva.

Para rompermos com essa concepção, nós professores/as, necessitamos compreender e ver esses jovens para além da categoria abstrata de “aluno” percebendo-os como sujeitos históricos que necessitam aprender não só para aceitar tudo passivamente, mas que precisam aprender para “interferir” mudando a sua realidade.

O ideal seria que o educador da modalidade tivesse uma formação que o possibilitasse trabalhar em sala de maneira dialógica, problematizando os conteúdos. Avaliando esse contexto, afirmamos a urgência em se garantir, tanto nas formações iniciais, como nas formações continuadas para os professores, no Estado de Alagoas, a presença de fundamentação teórica sobre as especificidades do público jovem, pautada, sobretudo, na Pedagogia Progressista Libertadora de Freire, para que os professores possam desenvolver nas salas de aula um ensino que supere a visão de transferência de conhecimentos,

Há ainda que propor para as escolas que ofertam Ensino Médio um projeto de reelaboração curricular, processo no qual se construa uma nova escola popular que não apenas tolere as diferenças, mas que ela seja a todo tempo questionada, por isso, necessitamos de um currículo elaborado a partir da realidade existente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste trabalho foi compreender qual a concepção que os professores do Ensino Médio em duas escolas da 1ª GERE tem em relação aos jovens que estudam no horário noturno. Para realização de nossa análise tomamos como objeto de estudo as sequências discursivas proferidas e coletadas através de uma entrevista realizada dentro destas escolas que estão inseridas na 1ª GERE.



Analisando as falas coletadas, constatamos que o tema mais recorrente nesses discursos foi a dificuldade de diálogo entre educandos e educadores e o maior impasse está no trato com os adolescentes. Através dos discursos dos professores podemos observar que a representação social dos jovens dentro das escolas está ligada ao preconceito, pois muitos professores reconhecem os alunos jovens como “*maloqueiros*”, dizem que esses educandos “*não querem nada*” e que os jovens só vão para a escola para “*fazer raiva*”.

Há muitos estigmas e que os professores, na grande maioria, rotulam os jovens do Ensino Médio do horário noturno, esses rótulos acabam por limitar o desenvolvimento desses alunos, tornando a inserção desses alunos no espaço escolar um processo muito complexo.

As marcas linguísticas na fala dos profissionais nos mostram que há uma profunda assimilação da ideologia do discurso da classe dominante. As falas depreciativas demonstram o distanciamento e menosprezo. Percebe-se uma tentativa de ignorar os sujeitos, demonstrando a falta de envolvimento com a realidade dos estudantes.

Podemos perceber também a presença de implícitos que nos revelam que muitos dos participantes das entrevistas atribuem os problemas vivenciados pela comunidade escolar, no horário noturno aos alunos “*marginais*”. Assim, podemos constatar que este público é desacreditado como capaz de adquirir conhecimento e obter um desenvolvimento pessoal.

Acreditamos que esses educadores só conseguirão superar essa concepção preconceituosa com a intervenção da Secretaria de Educação do Estado de Alagoas, no momento em que elaborar uma proposta de formação continuada para os professores do Ensino Médio sobre as especificidades dos sujeitos que frequentam as escolas.

Assim, acreditamos que estaremos auxiliando esses professores a perceberem que a ideologia dominante utiliza a linguagem para camuflar a ausência de políticas públicas no Brasil, que causa a desigualdade social, contribuindo para o aumento da violência e dentro da estratégia do capitalismo, para a desmobilização da sociedade e do processo de aculturação.

Finalmente afirmamos que nossos educandos devem ser enxergados como sujeitos históricos que necessitam aprender não só para aceitar tudo passivamente, mas que precisam aprender para “interferir” mudando a sua realidade. Sendo assim, nós que



realizamos a educação do país, temos a obrigação de conhecer a realidade dos nossos alunos, transformando as atuais escolas em ambiente de reflexão para podermos romper com esse tipo de visão ingênua que observamos em nossa entrevista.

## REFERÊNCIAS

DARYEL, J. Juventude grupos de estilo e identidade. Educação em Revista. **Belo Horizonte**, 1999.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: **Paz e Terra**, 2002.

MOSCOVICI, S. A representação Social da Psicanálise. Rio de Janeiro: **Zahar Editores**, 1978.

NOGUEIRA, M. P.P. Reconstrução de Saberes Docentes: contribuições da formação continuada nas salas de apoio pedagógico específico. IX Simpósio de Educação Contemporânea: Desafios e Propostas. A Escola e seus Sentidos. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro, 2014. pág.1-10.

\_\_\_\_\_. Das Representações Coletivas às Representações Sociais: Elementos para uma História. In: JODELET, Denise (Org). As Representações Sociais. Rio de Janeiro: **Vozes**, 2001, pág. 45-66.

ORLANDI, E. P. Análise do discurso: princípios e procedimentos. 3ª ed. Campinas. SP: **Pontes**, 2001.

PAIS, J. M. Culturas Juvenis. Lisboa: **Imprensa Nacional Casa da Moeda**, 1993.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: **Anped**, 1997.

THOMPSON, J. Ideologia e Cultura Moderna social e critica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópoles: **Vozes**, 1997.